

OXIGÊNIO

JULHO 2020

o

NÚMERO 11



COLEÇÃO CHAGAS FREITAS:
a maior coleção privada não conformista
da Alemanha Oriental

Julho! E continuamos em compasso de espera. Para reformular a vida, para construir o tal do “novo normal”, para se reinventar. Mas o tempo não para e seguimos necessitando de ar puro.

A 11ª edição da Oxi gênio continua firme, cumprindo seu projeto: oxigenar o cérebro e não deixar que nenhum tipo de arte morra.

Neste mês encerramos a “trilogia” das coleções privadas, com o acervo de Francisco Chagas Freitas, que constitui a maior coleção privada não conformista da ex-RDA.

Apresentamos também o projeto vencedor do Memorial em Brumadinho, do arquiteto Gustavo Penna, escolhido pela Associação dos Familiares das Vítimas da Barragem Mina Córrego do Feijão.

Se você gosta de fotografar, veja como se inscrever, até 1º de agosto, no [#festivalfotosbDaJanela](#). Vai dar o que falar!

No mundo dos vinhos, duas curiosidades: adotar uma videira é possível, sabia? E escolha a garrafa adequada. Elas, normalmente, são relacionadas com a região de origem das uvas.

O “novo normal” já começou nos *resorts* brasileiros. Dois deles já estão funcionando com as seguranças recomendadas. Outra boa opção é o teatro. Em casa! Compre o seu ingresso e curta as peças que lhe agradam.

Em Londres, nossa correspondente relata o início da nossa jornada coletiva de máscaras. O futuro será mascarado?

Encerrando a edição, a matéria de Antonella Kann mostra como os *passages* de Paris retomam o fôlego desde a sua primeira galeria em junho de 1819. Boa escolha para curtir e manter o distanciamento social.

Boa leitura!

Jornalista Responsável: Vera Matagqueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Herminia Donato

Colaboradores: Antonella Kann, Arthur Vilas Boas e Tereza de Arruda

Colaboração especial: Daiana Castilho Dias

O ÍNDICE

04	Memorial em Brumadinho
06	Concurso nacional #festivalfotosbDaJanela tem inscrições até 1º de agosto
07	Programa “Adote uma Videira”
08	Detalhes e curiosidades do mundo dos vinhos
09	De volta ao mundo, “sem lenço e sem documento, eu quero seguir vivendo”
11	A arte além do Muro – Acervo Francisco Chagas Freitas
15	O Colecionar e o Pertencer
17	E assim tudo começou
21	O teatro vive, viva o teatro
22	O futuro será mascarado?
28	O encanto discreto dos <i>passages</i> e galerias de Paris

Foto de capa: Henrique Luz – Exposição *A Arte que Permanece* – Coleção Chagas Freitas, Centro Cultural dos Correios em Brasília e Rio de Janeiro (2013)

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com
Anuncie, envie sugestões de pauta, colaborações, imagens, publireportagens.



MEMORIAL EM BRUMADINHO

Projeto arquitetônico de Gustavo Penna foi escolhido pela Associação dos Familiares de Vítimas e Atingidos pelo Rompimento da Barragem Mina Córrego do Feijão

Idealizado para homenagear a memória das pessoas que perderam suas vidas com o rompimento da barragem em 25 de janeiro de 2019, o Memorial terá aproximadamente 1.220 m² de área construída, em terreno adquirido pela Vale, que também é responsável por contribuir tecnicamente e viabilizar a construção do espaço.

Misturados ao arvoredo original, serão plantados 272 ipês amarelos – árvore-símbolo do Brasil –, que representam o número de mortos e desaparecidos na tragédia. O ipê vem como exemplo de superação. No verão, ele se ergue com folhas para dar sombra. No inverno,

essas mesmas folhas caem para deixar passar a luz do sol. E quando a seca aperta, ele floresce, para mostrar que, apesar de tudo, a vida continua.

A entrada do Memorial, constituída por um pavilhão com forma distorcida e fragmentada, levará o visitante a um espaço escuro, iluminado apenas por frestas de luz no teto que servem de evidência sólida do que aconteceu. Os pontos luminosos, o contraste entre claro e escuro, falam do dia que não amanheceu. Mas também evocam a crença de poder existir ainda um caminho possível.



Frames do vídeo instutucional de apresentação do projeto

A cada dia 25 de janeiro, exatamente às 12h28, dia e horário precisos do rompimento, um fecho de luz irá cortar o ar e iluminar uma drusa de cristais, conjunto de joias arranjadas pela natureza, materializando a luz que naquele dia não veio.

O Memorial também contará com um Monumento às Vítimas Fatais: uma grande cabeça em formato de um quadrado instável simbolizará os gestos humanos de

sentir e chorar, levando os visitantes a um percurso em forma de fenda escavada com os nomes das vítimas, para serem desvelados a medida em que caminham.

Ao final, descortina-se a paisagem. Ideia de continuidade ao olhar para o futuro com esperança. Som de água, som de pássaro, som de vida.

Assista o vídeo em: <https://www.gustavopenna.com.br/>



Concurso nacional #festivalfotobsbDaJanela tem inscrições até 1º de agosto

Iniciativa é aberta a fotógrafos profissionais ou iniciantes de todas as partes do país



Guilherme Santos



Ricardo Silva

O Concurso *#festivalfotobsbDaJanela* destina-se a fotógrafos e aspirantes a fotógrafos. O objetivo é criar uma reflexão documental através das janelas, no seu cotidiano ou nos momentos que são imprescindíveis de saída à rua, em tempos de pandemia.

Serão selecionadas 20 fotografias que integrarão uma galeria especial no site e redes sociais do projeto, acompanhadas de uma breve análise dos curadores do concurso.

Três autores serão escolhidos para integrar a programação do *Foto BSB*. Eles participarão de uma mesa redonda com o editor, curador e fotojornalista Toni Pires. Os selecionados receberão um cachê de oitocentos reais cada.

Os fotojornalistas Zuleika de Souza e Alan Marques assinam a curadoria junto com Toni Pires.

Para participar encaminhe sua foto por e-mail para dajanela@festivalfotobsb.com.br

Confira o edital no site <https://festivalfotobsb.com.br/>

PROGRAMA "ADOTE UMA VIDEIRA"

Clube de assinaturas pretende reunir pessoas que acreditam no potencial do terroir paranaense



Foto: Divulgação

Em tempos de pandemia, e para sustentar a manutenção de seus vinhedos, a *Vinícola Legado* criou o projeto *Adote uma Videira*. – *Participar do projeto vai além de nos dar sustentabilidade financeira; indica uma afinidade com os nossos valores de preservação ambiental, fomento de empreendimentos locais e consumo consciente* – explica a sócia-proprietária da Vinícola, Heloise Merolli.

Heloise complementa – *As videiras são plantas perenes que produzem apenas uma vez por ano, mas precisam ser cuidadas o ano inteiro. Sem esse cuidado, elas ficam vulneráveis a inúmeras doenças e podem morrer. Um novo vinhedo leva entre quatro e cinco anos para começar a produzir. Com as atuais restrições de comércio e turismo, precisamos de uma receita mínima para manter as videiras e garantir as próximas safras.*

Há dois planos: “*Adote uma Videira Standard*”, onde o assinante recebe duas garrafas a cada mês – vinho ou espumante – e a sugestão de uma receita da *chef Milene Aguiar* para harmonizar com os vinhos do mês. Já

no plano “*Adote uma Videira Premium*”, junto com as duas garrafas, a receita e as dicas, o apoiador recebe também um exemplar de produto inédito da vinícola ainda não lançado no mercado.

Além de receber os itens do pacote, o assinante terá o direito de “*batizar*” uma parreira da sua casta favorita com o seu nome. Para cada assinatura, a cada mês, uma refeição será doada pelo projeto *#PFDOBEM*, organizado pela *Good Truck BR*, que atende comunidades carentes em Curitiba. Todas as videiras adotadas receberão uma placa com o nome do benfeitor, que futuramente poderá visitar a vinícola para acompanhar a sua adotada.

O participante também pode optar por adotar a logística reversa e devolver as garrafas consumidas para a vinícola, na entrega seguinte.

Para mais informações acesse:
www.adoteumavideira.com.br



Foto: Designed by Freepik

DETALHES E CURIOSIDADES DO MUNDO DOS VINHOS

Sommelier ensina sobre os diferentes tipos de garrafas de vinhos e sua origem

Seja pela qualidade, tipo e região de cultivo das uvas, da harmonização com pratos ou mesmo pela grata experiência em saborear um bom vinho, não é preciso ser um enólogo para desfrutar desse mundo tão particular.

Um assunto que chama atenção de apreciadores de vinho é o formato da garrafa. *“Muitas pessoas podem pensar que o formato da garrafa de vinho tem a ver com a sua conservação ou melhor forma de envasamento. A verdade é que a garrafa normalmente é relacionada com a região de origem das uvas”* – explica Jonas Martins, sommelier e gerente comercial da MMV Importadora de Vinhos.



A garrafa mais comum é a *Bordalesa*. Ela é normalmente encontrada em vinhos *Merlot*, *Cabernet Sauvignon* e *Sauvignon Blanc*, cujas uvas são originárias da região de *Bordeaux*, no sudoeste da França. Possui um bojo longilíneo e uniforme que termina no ombro da garrafa, na divisão entre o corpo e gargalo.

Outro tipo de garrafa é a *Borgonhesa*, encontrada em vinhos da região de Borgonha, no norte da França, como o *Chardonnay* e *Pinot Noir*. A garrafa é alargada em sua base e vai se afunilando ao longo do seu bojo até o pescoço e gargalo.



Fotos das garrafas: MMV/Divulgação

Jonas ressalta que existem também outros tipos de garrafas, sempre respeitando a região da origem das uvas, como a *Renana*, do Reno, a *Champanhe* e a garrafa do Porto.

Outro fato curioso é o “tamanho” do buraco no fundo das garrafas. Existe um mito de que, quanto maior o furo,

Designed by macrovector / Freepik



melhor o vinho, por conta de algum efeito de conservação mais apropriada. Jonas explica: – *isso é uma meia verdade. Essas garrafas são mais caras e muitos produtores envasam nelas os seus melhores vinhos, porém não há nenhum efeito sobre a qualidade do vinho a não ser o estético.*

DE VOLTA AO MUNDO, “SEM LENÇO E SEM DOCUMENTO, EU QUERO SEGUIR VIVENDO”

Ar puro, conforto, boa gastronomia, distanciamento seguro e hospedagem prazerosa. Quem não sonhou com essa possibilidade ao longo de mais de 90 dias de reclusão? Agora, com o arrefecimento da pandemia em algumas regiões do país, o setor do turismo retoma gradualmente as suas atividades. E o sonho pode ser realizado em resorts brasileiros, com enormes áreas ao ar livre e conforto capaz de atender as mais exigentes expectativas



Obedecendo às determinações do guia elaborado pela *Organização Mundial do Turismo – OMT*, o *Txai Resort Itacaré* (BA), e o *Malai Manso Resort*, na Chapada dos Guimarães (MT), já estão preparados. Ambos destacam o treinamento e rodízio de seus colaboradores, a aferição de temperatura e as rigorosas medidas de higienização das instalações e das bagagens, assim como a utilização obrigatória de máscaras.

Localizados em regiões de proteção ambiental com aproximadamente um milhão de m² cada, possuem inúmeras opções de lazer que podem ser realizadas em contato com a natureza e sem aglomerações.

No *Txai*, somente 40 bangalôs estão em funcionamento, com circulação máxima de 80 hóspedes, que podem escolher o serviço de quarto adequado ao seu

perfil, incluindo os produtos de seu minibar. Outra novidade do *resort* é o *check-in* antecipado, que deverá ser realizado na véspera da chegada, através da central de reservas.

O *Malai Manso Resort* também possibilita diversas opções de lazer a céu aberto, incluindo os esportes náuticos. E mesmo nos ambientes internos, os espaços amplos também prevalecem: bangalôs e casas boutiques têm até 146 m² de área, garantindo o conforto necessário para um isolamento tranquilo.

Mais informações em:

Txai
www.txairesorts.com

Malai Mans
www.malaimansoresort.com.br



Txai Resort Itacaré, BA

Foto: Divulgação



Malai Manso Resort, Chapada dos Guimarães, MT

Foto: Divulgação

A ARTE ALÉM DO MURO

Acervo Francisco Chagas Freitas



Panorâmica da exposição *A Arte que Permanece* – Coleção Chagas Freitas

Foto: Henrique Luz

Há circunstâncias e momentos únicos que proporcionam aos protagonistas deste contexto oportunidades inéditas – estar em um local inusitado na hora certa parece ser uma casualidade ou força do destino, porém na realidade são inúmeros fatores pré-existentes que levam a resultados imbatíveis. Um exemplo a citar é o acervo de arte de Francisco Chagas Freitas, com sede em Brasília, cujo conteúdo está atrelado à evolução histórica da Alemanha

Tereza de Arruda*



Peter Herrmann, *retrato de Francisco Chagas Freitas*

Foto: Henrique Luz

Há 75 anos após o final da Segunda Guerra Mundial e há 30 anos após a Queda do Muro de Berlim, temos uma Alemanha e também uma Europa unificada. Justamente esse contexto é o berço do acervo de Francisco Chagas Freitas, repleto de histórias narradas sobre cada uma das obras. E a narrativa é dupla: da perspectiva do artista-autor e também da perspectiva do colecionador, que as selecionou e adquiriu não de forma aleatória, mas como resultado de um grande envolvimento com a história da arte contemporânea da República Democrática Alemã e seu entorno.

Francisco Chagas Freitas trabalhou no setor cultural da Embaixada do Brasil em Berlim Oriental, entre 1985 e 1991. Ao retornar ao Brasil, trouxe como bagagem um legado cultural inestimável e único, resultado de uma dedicação, empenho e envolvimento singular com os protagonistas atuantes daquele universo. Sua intenção, entretanto, nunca foi criar um dos maiores acervos de Arte Contemporânea da República Democrática Alemã – RDA e nem de Arte Contemporânea Brasileira.



Helge Leiberg

Foto: Henrique Luz

Foi justamente o fascínio por este universo resguardado entre muros e suspiros que despertou o interesse de Chagas (como é chamado pelos mais íntimos) a visitar, em todo o seu tempo livre, estúdios, galerias e exposições da RDA. A mera casualidade do convívio inicial com o artista plástico brasileiro Alex Flemming, com quem adquiriu a primeira obra, somou-se ao fato de ter como chefe o Embaixador Mário Calábria, colecionador e apreciador da arte contemporânea local, que o apresentou a alguns dos artistas atuantes.

Naquela época, seria inimaginável considerar que aquele Sistema tivesse um fim, mesmo sabendo-se de sua fragilidade política e econômica respaldada no apoio da grande potência comunista que era a União Soviética.

O convívio com a cena artística – com um grande foco em Berlim e Dresden – tinha para Francisco Chagas Freitas

uma importância espontânea, ingênua e despretenciosa, a qual o abriu inúmeros caminhos para uma inserção maior neste universo, a ponto de criar elos pessoais e culturais que o norteiam até os dias de hoje em seu percurso por vários países como funcionário do Itamaraty.

O acervo evoluiu de forma crescente: hoje são 1.500 obras entre pinturas, esculturas, desenhos, objetos, livros e documentos. As obras estão em Brasília, resguardando o resultado do percurso e da insistência de Francisco Chagas Freitas de não seguir nenhuma tendência artística ou de valor mercadológico. Sua essência é a representação da arte criada por artistas fiéis a seus conceitos e estética independentes do sistema político que os norteia.

A arte contemporânea da ex-República Democrática Alemã é preservada em poucos acervos privados, insti-



Alex Flemming, da série *Flying Carpet*

Foto: Regina Sturmer

tucionais ou museológicos. E sentimos ainda que o que se criou na breve existência de 40 anos da RDA, ou ainda na produção atual de artistas desta proveniência, ocupe um nicho muito específico e um certo exotismo vindo por de trás do muro.

Um recorte do acervo de Francisco Chagas Freitas foi apresentado entre 2005 e 2006 no Centro Cultural da Caixa (Brasília e São Paulo), sob o título *“Além do Muro”*. Em 2011, no Museu da República em Brasília, Chagas incentivou a realização da mostra *“Observadores do Horizonte”*, com obras de Helge Leihberg, Michael Müller, Hans Scheib e Veit Hofmann. Em 2013 outra exposição, *“A Arte que Permanece”*, foi apresentada no Centro Cultural dos Correios (Brasília e Rio de Janeiro).

Na Bienal Internacional de Curitiba, 2019, houve uma participação especial de Gerda Lepke; este ano está programada uma apresentação do acervo de caráter institucional na Feira de Arte de Budapeste.

Em 2021 haverá a primeira mostra desse precioso acervo na Alemanha. Será no BLMK – Museu de Brandemburgo, em Cottbus. A exposição é aguardada com euforia, especialmente após a grande repercussão que o acervo adquiriu em 2019, com o lançamento do documentário *“O Tesouro Esquecido”*, realizado pelo diretor Tom Erhardt e exibido no 7º Festival Internacional de Cinema de Brasília.



Gerda Lepke, *Paisagem*

Foto: Henrique Luz



Max Uhlig, *Autorretrato*

Foto: Henrique Luz

*Tereza de Arruda é Historiadora de Arte e curadora independente



Da esquerda para a direita: Hans Scheib, *Absorto*; Erika Stürmer-Alex, *Andando*;
Veit Hofmann, *Encontro na praia*

Fotos: Henrique Luz

O COLECIONAR E O PERTENCER

Arthur Vilas Boas*

Segundo Gilberto Chateaubriand, colecionador de arte e diplomata, *“uma coleção, da mesma forma que uma obra de arte, só pode ser feita à mão. Diferentemente do artista, porém, o colecionador jamais conclui aquilo que começa: sempre há algo a conquistar, modificar, a aprimorar”*. Poderíamos, então, nos atrever a afirmar que uma coleção bem elaborada é um sublime exemplo de metalinguagem, uma vez que ela utiliza obras de arte para compor uma outra, realizada pelo colecionador, com suas impressões, escolhas e o seu DNA.

Como disse Jean-Paul Sartre (1980), *“o ser humano é sujeito das suas ações”*, disso deriva sua célebre frase

“o homem está condenado a ser livre”. Justamente por essa liberdade, é necessário fazer escolhas, as quais nos constituem. Partindo desse ideal existencialista, uma coleção de arte é uma parte de quem a criou e, claro, escolheu minuciosamente quais obras a integrariam, seja por fatores emocionais e/ou racionais.

O instinto de guardar e perpetuar a nossa existência através de algo que nos representa está entre e dentro de nós desde a gênese da humanidade, e sempre adequou certas características conforme o período em que passava. Hoje em dia não é diferente: o ato de colecionar arte não é o mesmo do que no período do

Renascimento ou no tempo dos faraós, apesar da essência ser a mesma.

Os colecionadores possuem motivos individuais do porquê e como colecionar. Muitas vezes, consideram o investimento financeiro. Contudo, o mais recorrente segundo eles, é a paixão e a sensação que cada obra tem o poder de causar. Ter um acervo coeso e bem elaborado implica não apenas a dádiva plástica aos olhos (o estágio preambular); traz também a sensação de pertencimento a um grupo que tem afinidades e pontos em comum. Michel Serres (2019), filósofo, nos apresenta uma ideia bastante clara do que seria esse pertencimento: *fazemos parte de múltiplos grupos, unidos por diversos pontos, desde o sobrenome, a nossa altura, a cultura e – claro – as nossas paixões.*

Há quinhentos anos, a aristocracia e a alta burguesia exibiam com orgulho e altivez suas coleções diversas.

O mecenato era extremamente bem quisto, proporcionava às famílias status e influência. Nos dias atuais, mesmo que inconscientemente, ter uma coleção de arte privada retrata tudo o que o ser humano sempre buscou: perpetuar sua existência, concomitantemente, pertencendo a algo metaforicamente maior que nós mesmos, "eterno". Nada executa esse desejo melhor do que a arte. Trata-se de fazer parte de uma paixão digna, verossímil, nobre e estável. Isso traz conforto e segurança.

Portanto, colecionar é prolongar o eu em um mundo frenético e líquido. São objetos cuidadosamente separados de suas funções primárias, com valor extra material que podem seguir ou não um padrão ou ordem precisamente adotadas. Abrir uma coleção particular ao público, mesmo que de forma passageira, implica um ato corajoso, pois é uma oportunidade que temos de mergulhar e pertencer a um outro mundo, a um outro eu.

*Arthur Vilas Boas é Historiador da Arte



Max Uhlig,
Sapatos usados pelo artista em seu ateliê
Foto: Henrique Luz

E ASSIM TUDO COMEÇOU

Eu havia chegado à antiga RDA, em setembro de 1984. No princípio de 1985, estudava no Instituto Goethe em Berlim Ocidental.

Nesse ínterim, comecei a frequentar os museus do lado Oriental. Confesso-lhes que não gostava nada do que via, pois toda arte exposta da ex-RDA pertencia à Escola do Realismo Socialista.

Mas isso mudou quando minha futura mulher, Regina Sturmer, me disse: *tem um artista brasileiro, paulista, que quero te apresentar*. Era o jovem Alex Flemming. Foi amizade à primeira vista e o tenho com um irmão, parceria que haverei de levar ao túmulo.

Ele, chegado de Nova York, fora passar um tempo em Berlim. Convidei-o para morar comigo do lado Oriental, na *Leipziger Strasse 65*. E assim fomos os dois visitar os museus. Certo dia fomos à Galeria Rotunda, no *Altes Museum*, e lá chegando vimos que a gerente, senhora Inga Kondeyne, vendia coisas muito interessantes.

Descobrimos uma linda paisagem de Max Uhlig, que o Flemming ao vê-la foi logo dizendo: *ela é muito boa, compre-a*. E assim esse quadro tornou-se a primeira obra do acervo.

Depois adquiri várias obras do Flemming, dentre elas, "*Santa Cecília tocando harpa num pátio pós-moderno*",

uma obra que eu e minha mulher gostamos muito. A seguir adquiri uma aquarela da Gerda Lepke, que para mim é a rainha da pintura.



Alex Flemming, *Santa Cecília tocando harpa num pátio pós-moderno*

Foto: Henrique Luz

Um dia, comentando minhas aquisições com o meu ex-chefe, Embaixador Mário Calábria, vejam só, ele me disse: *parabéns, eu também coleciono Max Uhlig e Gerda Lepke e vou apresentá-los*.

E assim fora feito! Fui para Dresden com a missiva em mãos e adquiri 11 telas do Max. Ele me confessou: *nunca vendi tantas obras de uma só vez!* Em outro fim de semana, conheci Gerda e nossa amizade também é para sempre.

Os dois foram me apresentando outros artistas, dentre os quais, Veit Hofmann, Peter Makolies e Stefan Plenkers.

Outras pessoas que também me ajudaram muito foram o Hans Lehmann, o Rainer Berner, ambos de saudosa memória, a Dra. Sibylle Badstuener-Groeger, entre tantos outros entes queridos que se eu for mencioná-los a todos não sobrar espaço nessas poucas linhas.

Ao todo tenho trabalho de 103 artistas da ex-RDA, que guardo com carinho, como algo que nunca espero que se separe após o meu fim.

Por isso, como o Brasil é um país que não preserva a memória nem dos nossos artistas, pretendo levar de volta à Alemanha o meu acervo, algo que considero preponderante para que os mais jovens estudem e saibam da existência da ex-RDA, onde os artistas que não pertenciam ao *establishment*, viviam a duras penas, mas honestamente defendiam o que eles achavam certo.

Da esquerda para a direita: Daiana Castilho Dias, produtora cultural da exposição “A Arte que Permanece”, Francisco Chagas Freitas e Tereza Arruda

Foto: Divulgação

Só após muitos anos no Brasil, descobri que aquilo tudo por mim colecionado tinha o nome de *Coleção de Arte*. Para mim, era uma coletânea de amigos que a vida dera a esse amazônida, sem recursos e sem *background* cultural, mas que eu guardara.

Hoje a Coleção Chagas Freitas é algo especial, com diversas matérias em jornais, revistas de arte e até um filme feito pelos alemães.

Neste ano, vai como convidada de honra a Budapeste, Hungria. Em 2021, finalmente estreará na terra de sua origem, a Alemanha.

E eu continuo a vida cigana do Itamaraty: estou tomando banho de chuva em Cobija/Bolívia, relembrando os meus tempos de criança no rio Muru.

Chagas Freitas
Cobija/Bolívia, em 09.06.2020



ALGUNS ARTISTAS

Fotos: Divulgação

ALEX FLEMMING

A pintura icônica de Alex Flemming é realizada com formas extraídas de máscaras por ele produzidas. As obras, muitas vezes de dimensões monumentais, apresentam cores gritantes metálicas, corpos à vista e uma tensão sutil e incansável. A mostra *“A Arte que Permanece”* apresentou algumas das primeiras obras que compuseram o acervo de Francisco Chagas Freitas, ainda na década de 80, como as representações de figuras mitológicas ou mesmo a Quadriga do Portão de Brandenburgo desfigurada do início da década de 90 como símbolo do primeiro momento da Alemanha pós-Guerra Fria.

ERIKA STÜRMER-ALEX

Sua pintura é o resultado de um processo mental e emocional, espelho de sua imaginação artística. Aqui há também narrativas ligadas a pensamentos, memórias e ideias fantásticas. Sua intenção é reforçada através da justaposição de cores, formas e composição espacial. A artista se dedica, nos últimos anos, intensamente à criação de instalações, objetos e atuações performáticas com o uso de elementos triviais do cotidiano a espelhar sua diversidade criativa.

GERDA LEPKE

Encontrou seu próprio meio artístico através da soberana manipulação do

pincel e tinta de forma marcante. O gesto rápido sem seguir ideologias ou modismos domina a tela. A autonomia e seriedade de suas composições de dogmas formais dão aos seus retratos ou paisagens uma força ininterrupta. Sua composição pictórica existe a partir de um dom emocional a impulsionar as cores e os traços com grande domínio e força de expressão.

HELGE LEIBERG

Sua pintura é marcada pela figuração dominada por desenhos de figuras humanas como ponto central, as quais são criadas com traços leves e marcantes com alusão a uma intensa dinâmica e movimento como a executarem uma dança. Os desenhos das figuras humanas e outros complementos são em preto enquanto que o fundo é dominado em grande parte pelas cores vermelho e amarelo em vários tons.

MAX UHLIG

Sua concepção de arte interpreta a realidade como um processo em evolução, por isso a grande dinâmica presenciada em sua pintura. Gestos expressivos, cores vibrantes e estrutura psíquica compõem sua obra, seja ela paisagem, retratos ou uma combinação tão inusitada quanto sua característica pictórica. Inúmeros traços individuais geralmente em negro criam

sua composição. Esse emaranhado abstrato à primeira vista, principalmente quanto às paisagens, foi a estrutura vital criada por ele contra o realismo socialista vigente na época.

PETER HERRMANN

O artista tem uma vasta produção de retratos. Estes sempre chamaram a atenção por um certo isolamento que representa pessoas individuais sem o agrupamento usual de um sistema socialista. As imagens figurativas e intensamente coloridas chamam a atenção por seu caráter introspectivo.

VEIT HOFMANN

“Ver a arte de Veit Hofmann é ver também o artista que a fez. Hofmann não permanece anônimo em sua arte, mesmo ele tendo trabalhado muito tempo com meios abstratos ou feito arte abstrata. Ele é um daqueles cujo trabalho é uma expressão direta de sua personalidade. Com camadas e graduações, as obras de Hofmann muitas vezes entrelaçam forte colorido, grandes formatos, que podem ser de fino linho transparente ou mais revestidos. Predominam formas curvas, cantos pontudos desaparecem. As cores de suas obras são, em sua maioria, fortes, pausadas, contrastantes e mesmo assim possuem um polifônico colorido.” (Wolfgang Holler, Fluxo Criativo, sobre o trabalho artístico de Veit Hofmann, Dresden, 1998).



Panorâmica da exposição *A Arte que Permanece* – Coleção Chagas Freitas
Foto: Henrique Luz

O TEATRO VIVE, VIVA O TEATRO

*Teatro PetraGold inicia este mês o projeto TEATRO JÁ
com transmissões através da plataforma de streaming Zoom.
Os ingressos custam R\$ 10,00 (+ R\$ 2,50 taxa) e podem ser pagos em até 2x R\$ 6,58*

Há quem viva do teatro. Mas também há quem não viva sem teatro. Ele aproxima, agrega, coloca público e artistas num patamar aconchegante da sala de visitas. Parecia distante o dia em que voltaríamos ao teatro, aos três toques antes da peça começar, ao burburinho na plateia, ao abrir e cerrar das cortinas. Mas eis que, se não podemos ir ao teatro, o teatro vem até nós.

E assim podemos “viver” o teatro. Viva o teatro!

Confira as peças que estão “em cartaz”.

OS VILÕES DE SHAKESPEARE

4 a 26 de julho. Vendas até 04/07/2020

Horário: sábados e domingos às 17h

Espectáculo premiado do americano Steven Benkoff, com Marcelo Serrado

UM DIA A MENOS

7 a 29 de julho. Vendas até 07/07/2020

Horário: terças e quartas às 17h

Texto de Clarice Lispector – adaptação do conto homônimo, com Ana Beatriz Nogueira

AUTOBIOGRAFIA AUTORIZADA

9 a 30 de julho. Vendas até 09/07/2020

Horário: quintas às 17h

A peça recebeu unanimidade de críticas positivas e indicação para o prêmio Shell de melhor texto em 2015; foi também finalista do Prêmio Faz Diferença (O Globo), com Paulo Betti

TAMBÉM QUERIA TE DIZER

10 a 31 de julho. Vendas até 10/07/2020

Horário: sextas às 17h

Compilação de seis cartas extraídas do livro “Tudo o Que eu Queria Te Dizer” de Martha Medeiros, com Emilio Orciollo Netto

DIÁRIO DO FAROL

25 e 26 de julho. Vendas até 25/07/2020

Horário: sábados e domingos às 17h

Da obra de João Ubaldo Ribeiro, com Thelmo Fernandes

Videoconferência via Sympla Streaming (Beta)

Mais informações em: <https://teatropetragold.com.br/teatro-ja>

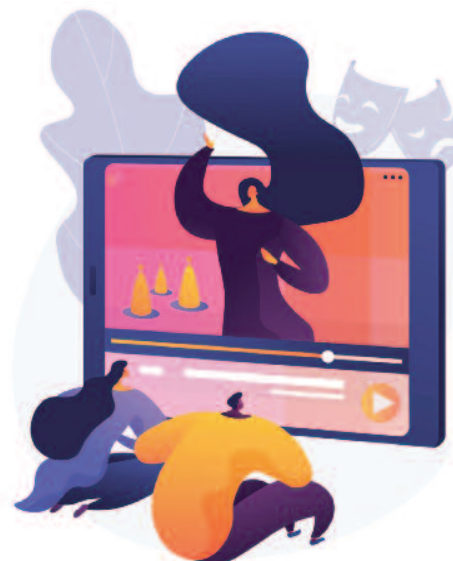




Foto: Maria Hermínia Donato

O FUTURO SERÁ MASCARADO?

Faz dois meses que comecei a produzir máscaras para o Hospital Homerton, no leste de Londres, junto com uma amiga. Agora, nos hospitais ingleses, todos devem usar máscaras o tempo todo, mesmo médicos que não estejam operando ou com pacientes. E esse é apenas o início da nossa jornada coletiva de máscaras.

Maria Hermínia Donato

Vi nesse meu trabalho um processo de descoberta: porque devo usar máscara? Quando usar? Porque existem opiniões divergentes a respeito do uso? Máscaras significam que algo está errado, mas elas também são um meio de proteção à vida e passaram a fazer parte do nosso dia a dia.

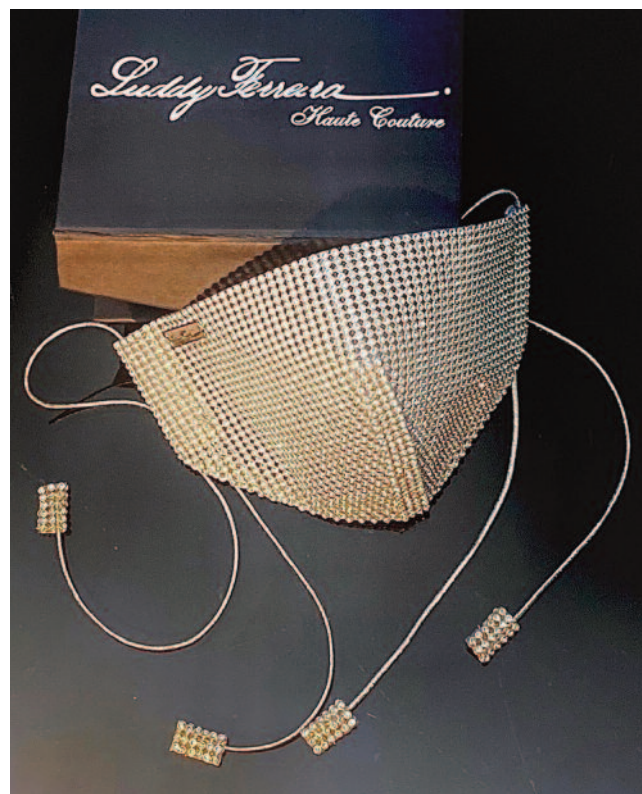
Cobrir o rosto é como pedir para que a pandemia termine: máscaras e luvas barricam nossos corpos como uma segunda pele. É muito difícil afirmar como será o próximo ano, mês ou semana, mas — segundo previsões dos especialistas —, podemos dizer o seguinte: é quase certo que o futuro será mascarado.

Nos países asiáticos, o uso da máscara facial é visto como dever cívico, parte rotineira da vida. As pessoas as usam não só por motivos de saúde, mas também para se proteger da poluição e do sol. Quantas vezes vi os grandes grupos de turistas asiáticos com um certo humor. Vale lembrar o ditado: "ri melhor quem ri por último".

No início da pandemia, a Organização Mundial da Saúde – OMS dizia não haver evidências que sugerissem que as máscaras pudessem ajudar a impedir a propagação do vírus, exceto os modelos utilizados pelos profissionais da saúde. No início de junho, entretanto, passou a recomendá-las. Estudos mais recentes mostraram que a cobertura do rosto com máscaras de tecido ajudam a fornecer uma barreira para "gotículas infecciosas", que passam de pessoa para pessoa em áreas movimentadas. A OMS, hoje, recomenda o uso de máscaras nos transportes públicos e em ambientes onde o espaço é limitado, dificultado o distanciamento físico.

Frank M. Snowden, professor de *História da Medicina* em *Yale*, examina as maneiras através das quais os surtos de doenças moldaram a política, esmagaram revoluções e enraizaram a discriminação racial e econômica. As epidemias também alteraram todas as sociedades atingidas, afetando as relações pessoais, o trabalho de artistas e intelectuais e os ambientes naturais e artificiais.

A evolução dos rituais já começou: não congregando, não viajando ou só participando de reuniões virtualmente. Muitas pessoas deixaram de apertar as mãos,



Luddy Ferreira, estilista paulista, desenvolve protetor de máscara de luxo

Foto: reprodução/instagram

uma tradição que se originou como um sinal de confiança, mas agora é a maneira mais comum de transmitir a doença.

Na medida em que a economia se abre, e passamos mais tempo em ambientes públicos, parece possível que usaremos mais máscaras, trocando a liberdade de expor nossos rostos pela liberdade de nos unirmos à aparência vigente no mundo.

Paula Niedenthal, professora de Psicologia da Universidade de *Wisconsin*, diz que perdemos informações



Na Paris Fashion Week, modelos de Marine Serre



Foto: Reprodução/Instagram

quando estamos operando sem o benefício da metade inferior do rosto. Os olhos podem ser a janela da alma, mas bocas e queixos, ao que parece, também são bastante úteis.

Quando a metade inferior do rosto de alguém fica obscurecida – explica Paula –, tendemos a ver as emoções como mais silenciosas. Bebês felizes parecem menos felizes se suas bocas são encobertas por chupetas. Sem a parte inferior do rosto, tendemos a ler emoções fortes como silenciadas.

O mimetismo facial é uma forma de comunicação – acrescenta a psicóloga. – Você sorri para mim, eu sorrio de volta; você me vê refletindo seu sorriso, confirmando que eu vi você e chegamos a um entendimento. Isso não podemos ter com máscaras. O não poder mostrar

o sorriso é o equivalente facial da comunicação via mensagem de texto.

Figuras mascaradas são vistas na sociedade como criminosas que querem se esconder. Temos a sensação de que usar uma máscara é um gesto antissocial e também um suborno da própria liberdade.

No nosso presente, máscaras são um reconhecimento de que estamos vivendo em meio a uma mesma pandemia. Como vamos nos adaptar?

Em breve, teremos um pequeno guarda-roupa de máscaras: uma doméstica, outra para o trabalho, uma mais solta para correr, *haute couture* como símbolo de *status* e muitas outras que ainda vão aparecer.

Alexander McQueen e Martin Margiela mostraram versões menos práticas nas suas coleções AC (antes da Covid-19).



Máscara Vendetta
da AliExpress
Foto: Divulgação

Na Europa, as adaptações à Covid-19 chegaram até a *Fashion Week*. Giorgio Armani, mesmo apresentando sua coleção sem espectadores, optou por usar uma máscara facial. Na *Paris Fashion Week*, modelos da Marine Serre andavam na passarela com roupas combinando com máscaras. Mulheres na primeira fila do desfile de Dries Van Noten foram fotografadas usando suas próprias máscaras. Na Croácia, o designer Zoran Aragoić, da marca *BiteMyStyle*, criou acessórios para máscaras em cores vivas inspiradas em histórias em quadrinhos, arte pop e personagens da Disney.

Máscaras estão se tornando acessórios de moda e não só de proteção médica.

"Eu a vejo como o acessório mais importante do próximo ano" – afirma Lia Kes, designer de moda sustentável, de Nova York.

– *It's all about brand identity* (é tudo sobre identidade da marca) – esclarece Barbara Kahn professora de marketing. Segundo Bárbara, as pessoas usam as suas marcas preferidas, a identidade esportiva é muito importante, e existe uma enorme oportunidade para licenciamento.

A artista Danielle Baskin lançou o projeto da empresa *Resting Risk Face*, sediada em São Francisco, EUA. Ela criou máscaras que replicam a parte da face que é coberta pelas máscaras, evitando interferências na tecnologia de reconhecimento facial, e que podem ser usadas durante o desbloqueio de smartphones.

Sofia, oito anos, filha de estilista, criou o desenho da sua própria máscara usando tecido reciclado. E fez várias para dar às suas amigas, mostrando sua necessidade de protegê-las e a si mesma.



Sofia

Foto: Divulgação

A presença da máscara na nossa história começou com os bailes a fantasia ou *Bals Masqués*, precursores do nosso Carnaval. As origens dos bailes de má-

caras vêm da Idade Média, principalmente na Itália, mas existem re-gistros na Grécia.

Os primeiros bailes carnavalescos brasileiros tiveram lugar no Rio de Janeiro em 1641, em homenagem ao rei D. João IV. Como a nossa história é cheia de mudanças e inversões, a Viradouro, escola de samba atual campeã do carnaval do Rio de Janeiro, entrou no esforço de combate ao coronavírus: está produzindo máscaras com tecidos das fantasias e distribuindo nas comunidades.

Será que no “novo normal”, ao personalizarmos máscaras, estamos fazendo com que nossa realidade seja mais suportável?

Os teóricos políticos há muito fazem uma distinção entre liberdade negativa, de restrição, e liberdade positiva, que é a liberdade

*A artista
Danielle Baskin
criou máscaras
que replicam
a parte da face
que é coberta
pela máscara
e assim
não interferem
na tecnologia de
reconhecimento
facial*

não dos outros, mas com os outros – a liberdade social e política.

Segundo o filósofo Isaiah Berlin, a liberdade negativa é caracterizada pela ausência de algo; de interferência. E envolve uma resposta para a pergunta: “Qual é a área em que o sujeito – uma pessoa ou grupo de pessoas – é ou deve ser deixado para fazer ou ser o que ele é capaz de fazer ou ser, sem a interferência de outras pessoas?”

Já a liberdade positiva, para Berlin, é a liberdade de ser intencional: “Desejo ser o meu próprio instrumento, não o ato de vontade de outros homens. Eu desejo ser um sujeito, não um objeto; ser movido por razões, por propósitos conscientes, que são meus, não por causas que me afetam, por assim dizer, de fora. Desejo, acima de tudo,



Máscara 3D para reconhecimento facial
Foto: Reprodução/Dezeen

ser consciente de mim mesmo como um ser ativo, disposto, responsável pelas minhas escolhas e capaz de explicá-las através de referências às minhas próprias ideias e propósitos. Sinto-me livre na medida em que acredito que isso seja verdade e escravizado na medida em que sou levado a perceber que não é.”

Difícil imaginarmos viver a longo prazo respeitando o distanciamento, o cobrir do rosto, as ameaças sofridas pela sociedade com as mortes e a incerteza econômica. Os riscos são altos e o uso de máscaras, o distanciamento social e a higienização das mãos podem ser um projeto comum de liberdade e não de perda da liberdade do indivíduo.



Foto: Maria Hermínia Donato



Foto: Reprodução/Pinterest

A photograph of a Parisian passage or gallery, likely the Passage des Panoramas. The scene shows a long, narrow corridor with a checkered floor, wooden storefronts, and a glass and iron roof. A red banner is overlaid on the top half of the image, containing the title in white text. The banner also features a small inset image of a person in a white shirt and a purple sign for 'JADIS et HOMME'.

O ENCANTO DISCRETO DOS *PASSAGES* E GALERIAS DE PARIS



*Precursos dos shopping centers, os passages e galerias de Paris
vêm sendo redescobertos por quem quer fugir do alvoroço das ruas
e dos grandes magazines. Boa sugestão para os tempos atuais*

Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com

Numa ensolarada manhã de junho de 1819, Benoit Véro cerra a porta de seu açougue, que fica na esquina da rua *Montesquieu*, e atravessa a rua para realizar o grande investimento de sua vida: comprar os dois imóveis situados bem em frente ao seu estabelecimento. A sua ideia, e a do seu associado e homem de negócios François Dodat, é construir um empreendimento imobiliário diferente, unindo os prédios por um elaborado telhado de vidro, formando assim uma passagem coberta entre as ruas *Jean Jacques Rousseau* e *Croix-des-Petits-Champs*.

Sete anos mais tarde, sob o reinado de Carlos X, inaugurava-se na capital uma das mais belas criações arquitetônicas do gênero, a *Galerie Véro-Dodat*. Bem iluminado por luz natural de dia e agraciado com lamparinas à noite, protegido do frio, da chuva e do sol, o local se torna ideal para a instalação de pequenas butikues, que enfileiradas de um lado e de outro fazem florescer um comércio eclético e sofisticado nos seus 80 metros de extensão.

Batizada como *galerie* porque soava mais chique, a Véro-Dodat é considerada até hoje como uma



das mais elegantes de Paris, devido à sua decoração muito elaborada. Discreta, porém estrategicamente localizada próxima ao *Palais Royal*, continua abrigando lojas de antiquários, exibindo mobília centenária e outras vitrines raras, como restauradores de bonecas antigas. Curiosamente, (sinal dos tempos!) estes comerciantes tradicionais

convivem em harmonia com os segmentos modernos que encontraram verdadeiros nichos nestes re-
dutos históricos.

É o caso da designer cosmética *by Terry*, que instalou sua boutique no número 21 da galeria, e ofusca os passantes com vitrines estilo *clean* atrás das quais estão exibidos apenas os seus mais afamados produtos *prêt-à-porter*, uma linha de maquiagem onde quase tudo é confeccionado, literalmente, sob medida. A marca agracia uma seleta clientela, entre as quais Sharon Stone e Catherine Deneuve, que podem se dar ao luxo de encomendar tonalidades exclusivas e personalizadas de seus *rouge à lèvres* e *fond de teint* (leia-se batom e base para o rosto, mas pelo preço de 1.500 euros cada, melhor é deixar mesmo de traduzir...). Um consolo para



as mortais comuns, que entram na loja como freguesa qualquer: há vários tons disponíveis a venda por um preço (relativamente) mais acalentador – 49 euros.

Mas, mesmo antes de surgir a *Galerie Véro-Dodat* como marco em 1826, algumas construções pioneiras, como o *Passages des Panoramas*,

marcam o início de inúmeros empreendimentos de estruturas transparentes e decoração elaborada. O auge se dá principalmente entre 1823 e 1828 e, numa segunda fase, de 1839 a 1847, quando insuflados por uma onda de especulação sem precedentes, pipocam *passages* por toda a *Rive Droite*, concentrados nas grandes avenidas e ruas movimentadas frequentadas pelas multidões e em bairros emergentes como a *Madeleine*, onde se encontravam os terminais das diligências.

Além disso, também são construídos *passages* contíguos às salas de espetáculos, atraindo o público que se deliciava em perambular de um lado ao outro para ver e ser visto na saída do teatro ou da ópera. Basta contar que existiam mais de 150 galerias e *passages* em



1870. Mas embora este fenômeno só proliferasse em Paris nesta época tardia, a ideia de passagens cobertas já era antiga, e sempre existiram em formas variadas dependendo das civilizações. Um dos moldes mais conhecidos universalmente é o *souk* árabe.

Muito mais do que um atalho entre duas ruas reservado a pedestres, os *passages* e as galerias se transfor-

mam em verdadeiros refúgios para os consumidores parisienses que, desde o início, se regozijavam com a oportunidade de poder fazer compras sossegados de loja em loja, sentar-se num café para ler o jornal, abrigados do barulho dos veículos destrambelhados, das intempéries e, detalhe, sem ter que sujar os sapatos de lama pelas ruas ainda sem calçadas da Paris de meados do século XIX. E mais: à noite, eram os únicos lugares públicos iluminados por lamparinas a gás.

Entretanto, quando surgiram os amplos magazines e os shopping centers em edifícios modernos, os estreitos *passages* com suas pequenas butiques caíram em desuso. Somente no final das últimas décadas é que se reacende o interesse por estes tradicionais redutos, locais de inspiração onde hoje, como antigamente, dá para fugir do caos automobilístico e do fluxo turístico de massa.

Verdadeiras caças a tesouros podem ser empreendidas nestes oásis de tranquilidade, onde preciosidades se escondem em seus recintos, tanto para leigos como colecionadores. Sebos e livrarias especializadas, outrora também salões de leitura, lojas de fantasias, objetos antigos, peças raras e um comércio de luxo selecionado são os figurantes destes cenários arquitetônicos, atualmente convertidos em templos culturais e históricos. E gastronômicos, é evidente, pois não faltam cafés, bares, *delicatessen*, e restaurantes gourmês, que fismam o passante pelo olfato. Além disso, há salões de beleza, brechós e redutos de designers, onde grifes

famosas compartilham democraticamente os espaços com os *dégriffés*.

Existem até mesmo hotéis, recatados porém cheios de charme retrô, como o Chopin, um dois-estrelas engravado no final do *Passage Jouffroy* e vizinho de porta do *Musée Grévin*, museu de cera instalado bem no começo da galeria. Atravessando para o outro lado, chega-se ao *Passage Verdeau*, nicho de aparelhos fotográficos antigos e imagens originais para os aficionados da arte. Por três mil euros, quem quisesse poderia se apropriar de uma autêntica câmera tricoma W.



Bermphol Berlin exposta na vitrine da loja *Photo Verdeau*, que ao longo dos duzentos anos de sua existência sempre pertenceu a fotógrafos.

Em outro local, nos *Passages des Panoramas*, que desemboca no *Boulevard Montmartre*, o espaço já é conhecido pelos amantes da filatelia e também pela abundância de lojinhas onde são vendidos cartões postais antigos. Raridades como o visual da Avenida Paulista no início do século XX ou até imagens rurais do interior do Brasil e lindas vistas panorâmicas podem ser flagradas – e compradas por cerca de 40 euros cada – na loja do sr. Patrick Prins, que apesar de não precisar exatamente quantos cartões possui na sua loja, garante que são mais de 300 mil. “As pessoas vêm aqui por curiosidade, mas muitas querem ver se conseguem encontrar alguns familiares nos cartões postais de antigamente,” revela ele, que manipula diariamente caixas e mais caixas de postais oriundos do mundo inteiro, escritos ou virgens, e devotamente catalogados por ele e o filho. Ao atravessar a porta estreita deste pequeno universo, entra-se numa máquina do tempo, de história e de... saudosas lembranças do passado.







ACADEMIA EM CASA

Para pedir, entre em contato pelo telefone, WhatsApp ou peça pelo iFood. **De terça a domingo, de 11:30h às 18h.** Entregamos ou você pode também buscar seu pedido nas nossas lojas:

Barra da Tijuca

(21) 2492-1159 / 2493-7956 / 98450-1711

Leblon

(21) 2529-2680 / 2239-1542 / 98450-1695

Para maior segurança dos nossos clientes, estamos também aceitando transferência bancária como forma de pagamento, para os pedidos realizados diretamente com as lojas.

